

Coro e Orquestra Gulbenkian

John Nelson

Romeu e Julieta

Hector Berlioz



05 + 06 out 23

05 out 23 QUINTA 20:00

06 out 23 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

John Nelson Maestro

Beth Taylor Meio-Soprano

Julien Henric Tenor

Vincent Le Texier Barífono

Francisco Valero-Terribas Maestro assistente

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

Hector Berlioz

Romeu e Julieta, op. 17

Sinfonia dramática sobre a tragédia de Shakespeare

PARTE I

1. *Introduction: Combats – Tumulte – Intervention du prince*
Prologue – Strophes – Scherzetto

PARTE II

2. *Roméu seul – Tristesse – Bruit lointain de bal et de concert*
– Grande fête chez Capulet
3. *Scène d'amour: Nuit sereine – Le jardin de Capulet, silencieux et désert*
– Les jeunes Capulets, sortant de la fête, passent en chantant des
réminiscences de la musique du bal
Scène d'amour
4. *La Reine Mab, ou la Fée des Songes: Scherzo*

PARTE III

5. *Convoi funèbre de Juliette*
6. *Roméu au tombeau des Capulets: Invocation – Réveil de Juliette*
7. *Finale: La foule accourt au cimetière – Rixe des Capulets et des Montaigus*
– Récitativo e Air du Père Laurence – Serment de réconciliation

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40 min.

CONCERTO SEM INTERVALO

Hector Berlioz

(La Côte-Saint-André, 1803 – Paris, 1869)

Romeu e Julieta, op. 17

—

COMPOSIÇÃO 1839

ESTREIA Paris, 24 de novembro de 1839

DURAÇÃO c. 1h 40 min.

A produção sinfônica de Louis-Hector Berlioz, figura singular do romantismo europeu é, no mínimo, original e idiossincrática no estilo eclético que invoca. Se Ludwig van Beethoven (1770-1827) desconstruiu o cânone da sinfonia clássica, criando novos paradigmas de abordagem (programática e coral), Berlioz levou essa herança ao limite das possibilidades criativas.

A uma 1.^a sinfonia, *Symphonie fantastique* (1830), drama autobiográfico que mergulha o gênero no domínio da obsessão amorosa, seguir-se-ia uma 2.^a, *Harold en Italie* (1834), para viola solista e orquestra, no limite formal entre um concerto e uma sinfonia, reminiscência quer das viagens do compositor pela península itálica quer da leitura do poema *Childe Harold's Pilgrimage* de Lord Byron (1788-1824). A 3.^a, *Roméo et Juliette* (1839), dado o fascínio do compositor pela tragédia homônima de William Shakespeare (1564-1616), resultaria num estilo sem precedentes, levantando, desde logo, uma série de questões estéticas: música programática *versus* música absoluta, vocal *vs.* instrumental, música com ou sem texto, ainda que sempre espaço diegético? Curiosamente, as três sinfonias partilham de um encadeamento de episódios

biográficos fulcrais na vida de Berlioz que, a seu tempo, seriam decisivos na composição destas obras maiores do repertório romântico.

A 11 de setembro de 1827, no teatro Odéon, em Paris, o então estudante de composição do Conservatório de Paris assistia, pela primeira vez, a uma récita de *Hamlet* de Shakespeare. Apesar do seu parco conhecimento da língua inglesa, Berlioz deixou-se impressionar pelo ambiente geral e, acima de tudo, pela atriz irlandesa Harriet Smithson (1800-1854). No dia 15, regressaria para assistir a uma nova récita, desta feita, *Romeo and Juliet*, na versão de David Garrick (1717-1779). A este propósito, anotou: “mergulhar no sol ardente e nas noites amenas da Itália, testemunhar o drama daquela paixão rápida como o pensamento, ardente como lava, radiantemente pura como o olhar de um anjo, imperiosa, irresistível, as vinganças furiosas, os beijos desesperados, a luta frenética de amor e morte, era mais do que eu poderia suportar”.

Segundo o libretista Émile Deschamps (1791-1871), Berlioz convidou-o a elaborar um texto sobre episódios específicos da tragédia shakespeariana em finais de 1827, havendo já esboços musicais, entretanto

dissipados por desígnios maiores: ganhar o *Prix de Rome* e concluir a *Sinfonia fantástica*, transposição musical da paixão não correspondida por Smithson. Em 1830 obteria o prémio, passando à qualidade de bolseiro da Academia de França em Roma, e estrearia a sinfonia com notável êxito. Tendo permanecido na península itálica até 1832, Berlioz casar-se-ia com Harriet Smithson em 1833, depois de uma sucessão de acasos.

No ano seguinte, o famoso violinista Niccolò Paganini (1782-1840) adquiriu uma viola (1731) de Antonio Stradivari (†1737), encomendando a Berlioz uma obra para esse instrumento. Diante dos esboços do que viria a ser *Harold em Itália*, Paganini recusou, facto de que se viria a arrepender quando, em 1838, ouviu a sinfonia em concerto. A título de gratificação, entregou a Berlioz a fabulosa quantia de 20.000 francos, que permitiu ao compositor saldar as dívidas e poder concentrar-se na composição da obra que acalentava desde 1827.

Concluída a 8 de setembro de 1839, a sinfonia dramática *Romeu e Julieta*, op. 17, foi estreada a 24 de novembro na famosa *Sala de Concertos* do Conservatório de Paris, dirigida pelo compositor, contando com uma orquestra de 100 instrumentistas e um coro de 98 vozes. Revista diversas vezes, a partitura viria a ser publicada em 1847.

Escrita no auge das suas capacidades, Berlioz revela um sentido de dramaticidade extraordinário e uma inventividade poético-formal inédita. Ciente das idiossincrasias, clarificou “Que não haja

dúvida ou erro quanto ao género desta obra. Embora vozes sejam utilizadas amiúde, não se trata de uma ópera em versão concerto ou de uma cantata, mas sim de uma sinfonia coral”.

O libreto de Deschamps parte da versão de Garrick do original shakespeariano, omitindo e acrescentando detalhes. É uma história contada (e não encenada), maioritariamente em discurso indireto, um drama que se desenrola não pelos atos em si, mas pelo *pathos* musical de forte pendor narrativo. Para tal, Berlioz leva ao limite do virtuosismo a escrita das partes de orquestra. Em termos de cor, combinando os instrumentos de forma inovadora, o compositor anteciparia, em muito, a profundidade psicológica orquestral de Gustav Mahler (1860-1911).

A I Parte começa com a *Introdução*.

Uma fuga orquestral retrata a luta entre os Capuleto e os Montéquio, reprimida pela intervenção de Escalus, Príncipe de Verona, imponente recitativo dos instrumentos de sopro de metal. Segue-se o *Prólogo*, para um grupo de vozes a *cappella*, complementado por breves interjeições orquestrais, diáfano na forma singela com que resume a história: Romeu Montéquio apaixonou-se por Julieta Capuleto, um amor impossível face à sangrenta rivalidade familiar. O meio-soprano discorre sobre a doçura do primeiro amor, e no *scherzetto*, para tenor e coro, são enunciadas as virtudes de Mab, a Rainha das Fadas.

A II Parte destaca-se pela pureza orquestral que a caracteriza bem como por uma eloquência expressiva desconcertante. O **n.º 2**, um díptico, segundo a canónica

abertura sinfónica, lento-rápido, retrata a solidão de Romeu seguida do baile em casa dos Capuleto, onde se apaixona por Julieta. A frase cromática dos violinos, que abre este número, viria a ser recuperada por Richard Wagner (1813-1883) no famoso prelúdio da ópera *Tristão e Isolda*.

Tida por Berlioz como a sua composição favorita, “Se me perguntarem qual das minhas obras eu prefiro, responderei (...) o *Adagio* de Romeu e Julieta”, o **n.º 3** retrata a famosa *Cena do Amor*. A um breve coro fora do palco, os jovens Capuleto a saírem da festa, sucede-se um *adagio*, de pendor beethoviano. Romeu e Julieta finalmente a sós, podem dar largas ao fulgor da sua paixão.

Segue-se o **n.º 4**, o virtuoso *Scherzo da Rainha Mab*, na peça original descrita por Mercúcio num brevíssimo monólogo, que desperta em Berlioz uma euforia transcendente, verdadeiro *tour de force* monumental!

A **III Parte** começa com o **n.º 5**, o *cortejo fúnebre de Julieta*. Ainda que não faça parte do enredo original, tem como nítido referencial a cena do sepultamento de Ofélia, em *Hamlet*. Originalmente, era precedido de um coro que, tal como

no prólogo, fazia a súplica dos acontecimentos. O fugato orquestral é pontuado por uma salmodia coral elegíaca, resoluta e inconsolável, “Espalhai flores pela virgem perecida”.

Também o **n.º 6** extravasa a história original e resulta da adaptação de Garrick, mais eficaz do ponto de vista dramático: Julieta, que tomara um soporífero desperta ainda em vida de Romeu, agonizante, após ingerir veneno ao julgar que a sua mulher morrera, proporcionando uma cena final de despedida, descrita musicalmente de forma magistral.

O **n.º 7** é dominado pela personagem de Frei Lourenço, confidente de Romeu, que, ao longo de uma dramática ária, explica às famílias rivais o sucedido. Ao envergonhar a multidão, insta a que aceitem a sua responsabilidade e façam a contrição pelo resultado do seu ódio. Ao invés das lacónicas linhas finais de Shakespeare, segue-se um inspirado juramento de fraternal amor que termina em unísono “Amigos! Amigos para sempre!”, reivindicação e expressão da crença de Berlioz no poder do amor, fonte inesgotável de inspiração ao longo da sua vida.

JOSÉ BRUTO DA COSTA

John Nelson

A brilhante carreira de John Nelson estende-se ao longo de mais de cinco décadas. É reconhecido como um dos mais versáteis e completos maestros a nível mundial, sendo particularmente apreciadas as suas interpretações das grandes obras de Berlioz. Em 2018 foi recebida com grande entusiasmo pela crítica a gravação da ópera *Les Troyens* (Warner Classics/Erato), com a Filarmónica de Estrasburgo. Esta gravação recebeu o Prémio de Ópera da *BBC Music Magazine* e o *International Opera Award*. Foi também distinguida como “Gravação do Ano” pela revista *Gramophone* e pelo *Sunday Times*. Na esteira do extraordinário sucesso de *Les Troyens*, seguiram-se gravações de *A Danação de Fausto* (2019), *Harold en Italie*, *Les nuits d'été* (2021) e *Romeu e Julieta* (2022). Para assinalar os 150 anos da morte de Berlioz, John Nelson dirigiu a *Grande Messe des morts* (2019) na Catedral de São Paulo, em Londres, com a Philharmonia Orchestra and Chorus. John Nelson destaca-se também pela sua dedicação ao grande repertório sacro, o que o levou a fundar, em 1994, a Soli Deo Gloria, Inc., uma organização sem fins lucrativos, com sede em Chicago, que encomenda música sacra a destacados compositores da atualidade, como Christopher Rouse, James MacMillan ou Roxanna Panufnik. Natural da Costa Rica, John Nelson estudou na Juilliard School de Nova Iorque, onde recebeu o Prémio Irvin Berlin em direção. Foi Diretor Musical da Sinfónica de Indianápolis, da Ópera de St. Louis, do Festival Caramoor de Nova Iorque e da Orquestra de Câmara de Paris. Foi também Maestro Convidado Principal da Orquestra Nacional de Lyon e consultor artístico das Orquestras de Nashville e de Louisville. É Maestro Convidado Principal da Orquestra Nacional da Costa Rica.

Beth Taylor

Beth Taylor diplomou-se pelo Royal Conservatoire of Scotland e pela Open University. Atualmente, aperfeiçoa a sua técnica com Jennifer Larmore e Iain Paton. Venceu o 2022 *Elizabeth Connell Award*, foi 3.^a classificada na 2019 *Wigmore Hall Competition* e premiada nos 2018 *Gianni Bergamo Classical Music Awards*. Entre outros compromissos, na temporada 2023-24 Beth Taylor estreia-se no papel de Anna (*Les Troyens*), com Sir John Eliot Gardiner, iniciando uma digressão que a levará aos festivais de La-Côte-Saint-André, de Salzburgo e de Berlim, e ainda aos *BBC Proms*. Como solista de concerto, interpreta o *Requiem de Mozart*, sob a direção de Raphaël Pichon, em Londres, Barcelona, Valência, Dortmund, Versalhes e Bordéus; a Sinfonia n.º 2 de Mahler, com a Filarmónica de Londres e Edward Gardner; a *Missa em Si menor* de Bach, com Gabriel Feltz, em Belgrado, e com Raphaël Pichon, em Aix-en-Provence, Versalhes e no festival Thüringer Bachwochen. Regressa à Ópera de Lyon para uma nova produção encenada de *Elias* de Mendelssohn. Nos últimos três anos, Beth Taylor estreou-se em importantes palcos: no verão de 2022 apresentou-se pela primeira vez no Festival de Glyndebourne, no papel de Bradamante, em *Alcina* de Händel. Depois da sua estreia como La Ciega (*La Gioconda*), interpretou Erda (*O Ouro do Reno*), Primeira Norna (*O Crepúsculo dos Deuses*) e Schwertleite (*A Valquíria*), na Deutsche Oper Berlin, sob a direção de Sir Donald Runnicles. Interpretou Falliero, em *Bianca e Falliero* de Rossini, na Ópera de Frankfurt, palco onde se estreara no papel de Dardano, em *Amadigi di Gaula* de Händel. Como Argia, integrou as primeiras representações modernas de *La Merope* de Giacomelli, sob a direção de Andrea Marcon, no Concertgebouw de Amsterdão.

Julien Henric

Julien Henric nasceu em Lyon, cidade francesa onde estudou teatro e canto lírico. Em 2018 foi distinguido com três prémios no concurso Jeunes Espoirs Raymond Duffaut. No ano seguinte, recebeu o 2.º prémio no Concours International des Symphonies d'Automne de Mâcon. Diplomou-se pelo Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Lyon em 2020 e integrou o “Jeune Ensemble” do Grande Teatro de Genebra nas duas temporadas seguintes. Em 2022 recebeu dois prémios no Concurso Internacional de Marmande. Sob a direção de maestros como Marc Minkowski, Stefano Montanari, Antonino Fogliani, Riccardo Minasi ou Pierre Dumoussaud, interpretou: Flavio (*Norma*), no Festival International d'Art Lyrique d'Aix-en-Provence e com as Orquestras Filarmónicas de Colónia e Hamburgo; Marcellus (*Hamlet*), na Ópera Nacional de Paris; Faust (*Faust et Hélène*), no Auditório Nacional de Música de Madrid; Borsa (*Rigoletto*) e Tybalt (*Romeu e Julieta*), na Ópera de Rouen; Alfredo (*La traviata*), no Festival d'Été des Nuits Lyriques de Marmande; Don Ottavio (*Don Giovanni*) e Ferrando (*Così fan tutte*), no Gran Teatre del Liceu de Barcelona, na Ópera Nacional de Bordéus, na Ópera Real de Versalhes e no Festival de Ravenna. A temporada 2023-2024 é marcada por estreias no Festival de Bergamo (*Lucia di Lammermoor*), na Ópera d'Avignon (*A flauta mágica*), na Ópera Nacional do Reno (*Guercoeur*), no Teatro Municipal Maria Callas, em Atenas (*Pénélope*), na Ópera de Saint-Étienne (9.ª Sinfonia de Beethoven), num concerto de gala de tributo a Maria Callas na Opéra Orchestre National de Montpellier, bem como no Festival d'Auvers-sur-Oise (*Petite messe solennelle* de Rossini). Outros compromissos incluem regressos ao Grande Teatro de Genebra e à Ópera Nacional de Paris.

Vincent Le Texier

Depois de se formar em Belas Artes, Vincent Le Texier estudou canto com Udo Reinemann. Diplomou-se pela École d'Art Lyrique de l'Opéra de Paris e aperfeiçoou a sua arte sob a orientação de figuras lendárias como Christa Ludwig, Elisabeth Schwarzkopf, Hans Hotter e Walter Berry. Ao longo da sua carreira, Le Texier interpretou mais de cem personagens de ópera em teatros e auditórios de todo o mundo, incluindo óperas barrocas, clássicas e românticas, bem como criações contemporâneas. Entre os mais prestigiados palcos que pisou incluem-se a Ópera de Paris, o Théâtre des Champs-Élysées, o Scala de Milão, o Teatro Real de Madrid, o Festival de Salzburgo e o Festival de Aix-en-Provence. O seu vasto repertório inclui os papéis de Golaud, em *Pelléas et Mélisande*, Luthé e Crespel, em *Les Contes d'Hoffmann* de Offenbach, e os papéis principais em *O Navio Fantasma* de Wagner, *Wozzeck* de Alban Berg, *Don Quichotte* de Massenet e *Saint François d'Assise* de Messiaen. Colaborou também em numerosas estreias de novas obras incluindo, mais recentemente, *Pinocchio* de Philippe Boesmans e *Inondation* de Francesco Filidei. Apaixonado também pela *mélodie* francesa e pelo *lied* alemão, apresenta-se regularmente em recital. Na temporada 2022-2023, voltou a interpretar Arkel (*Pelléas et Mélisande*) em Modena e Piacenza, e adicionou ao seu repertório os papéis de Bartholo (*As bodas de Figaro*), na Ópera de Saint-Étienne, Balthazar (*La favorite*), na Ópera de Bordéus, e Cardeal Campeggio, em *Henrique VIII* de Saint-Saëns, no Théâtre de La Monnaie. Na temporada 2023-2024 assinalam-se as atuações na Ópera da Bastilha (*Les Contes d'Hoffmann*) e no Festival d'Aix en Provence (*Pelléas et Mélisande*).

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

Coro Gulbenkian

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Raquel Sousa
Beatriz Ventura
Carla Frias
Claire Santos
Cristina Ferreira
Filipa Passos
Isabel Cruz Fernandes
Lucília de Jesus
Maria João Sousa
Maria José Conceição
Mariana Lemos
Marisa Figueira
Mónica Beltrão
Mónica Santos
Rosa Caldeira
Rosário Azevedo
Sara Afonso
Tânia Viegas
Teresa Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Bianca Varela
Carmo Coutinho
Catarina Saraiva
Estrela Martinho
Inês Martins
Joana Esteves
Joana Nascimento
Liliana Silva
Lucinda Gerhardt
Madalena Barão
Mafalda Borges Coelho
Manon Marques
Maria Forjaz Serra
Markéta Chumová
Marta Queirós
Michelle Rollin
Patrícia Manso
Patrícia Mendes
Tânia Valente

TENORES

Aníbal Coutinho
António Gonçalves
Artur Afonso
Bruno Sales
Dinis Rodrigues
Diogo Pombo
Francisco Cortes
Hugo Martins
Jaime Bacharel
João Barros
João Custódio
João de Almeida Barros
João Pedro Afonso
Jorge Leiria
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Rui Miranda
Sérgio Fontão
Simão Pourbaix

BAIXOS

Afonso Moreira
Alexandre Gomes
Frederico Paes
Gonçalo Freitas
Henrique Coelho
Hugo Wever
João Barros da Silva
João Líbano Monteiro
João Luís Ferreira
José Bruto da Costa
Luís Pereira
Mário Almeida
Miguel Carvalho
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Morgado
Rui Gonçalo
Tiago Batista
Tiago Navarro
Tomé Azevedo

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Ferreira de Andrade
Joaquina Santos
Ricardo Pereira

Orquestra Gulbenkian

PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibulevsky CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto Pereira
Flávia Marques
Catarina Ferreira
Matilde Araújo
Piotr Rachwall
Catarina Resende*
Nelson Nogueira*
Bernardo Barreira*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Asilkan Pargana
Miguel Simões
Félix Duarte
Eurico Cardoso*
Teresa Pinheiro*
Sara Llano*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Maia Kouznetsova
Nuno Soares
Sara Moreira
Maria Inês Monteiro
Sara Farinha
Márcia Marques
Raquel Noemi*
Margarida Abrantes*
Mariana Moreira*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA
Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Raquel Reis
Gonçalo Lélis
Hugo Paiva
João Valpaços
Hugo Estaca*
Pedro Serra e Silva*
Maria Leonor Moniz*
Emídio Coutinho*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 2º SOLISTA
Marine Triolet
Miguel Menezes
Diogo Pereira
Rafael Aguiar*
Nuno Dionísio*
Pedro Barbosa*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amália Tortajada 2º SOLISTA
Ana Filipa Lima 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR

Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE

Ana Maria Castro 2º SOLISTA*

Álvaro Machado 2º SOLISTA*

Rodrigo Vasques 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Tiago da Silva 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Pereira 1º SOLISTA*

Ricardo Vitorino 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

Marinus Komst 1º SOLISTA*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

André Castro 2º SOLISTA*

João Duarte 2º SOLISTA*

Cristiano Rios 2º SOLISTA*

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

HARPAS

Ana Aroso 1º SOLISTA

Ana Castanhito 2º SOLISTA*

Salomé Matos 2º SOLISTA*

Emanuela Nicoli 2º SOLISTA*

Ana Ester Santos 2º SOLISTA*

Rebeca Csalog 2º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

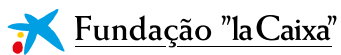
Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

Ricardo Pereira

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL

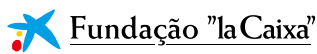


MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
VASP DPS

Lisboa,
Setembro 2023

